

**O PROFESSOR FRENTE AOS DILEMAS DA ABORDAGEM DE
ASPECTOS CULTURAIS NA AULA DE LÍNGUA INGLESA:
A INTERCULTURALIDADE EM DISCUSSÃO**

*Daniela Moreira Duarte**

*Keila Mendes dos Santos***

*Diógenes Cândido de Lima****

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo discutir a abordagem de aspectos culturais nas aulas de língua inglesa, apontando a relevância de se trabalhar língua sempre associada à cultura. Apresentam-se algumas definições de linguagem, identidade e cultura, e algumas relações expressas por estes elementos na interlocução existente no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Ao se discutir sobre a formação intercultural do professor de língua estrangeira, pontuam-se também alguns dos problemas encontrados pelos docentes ao se trabalhar com aspectos culturais, apresentando sugestões e considerações que favoreçam um ensino intercultural crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Identidade. Cultura. Ensino de língua inglesa.

Considerações iniciais

O ensino de língua inglesa tem atraído a atenção de muitos pesquisadores e estudiosos da linguagem nas últimas décadas. As transformações pelas quais vem passando o processo de ensino-aprendizagem do idioma tem sido a principal razão para o despertar dessa questão, sendo as discussões sobre fatores interculturais nas

* Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPgCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: daniduartepoet@hotmail.com.

** Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPgCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: keumendes@hotmail.com.

*** Doutor em Educação/Estudos da Linguagem pela Southern Illinois University. Professor pleno de Língua Inglesa e de Linguística Aplicada da Uesb. E-mail: dlima49@gmail.com.

aulas de línguas um tema que se destaca em estudos recentes, havendo divergências sobre a abordagem ou não desses aspectos nas aulas de línguas.

Ao tempo em que pesquisadores como Kramersch (1996), Rajagopalan (1998) e Lima (2009) defendem um ensino de línguas que esteja interligado aos aspectos culturais do idioma, estudiosos como Appel e Muysken (1987) e Hyde (1994), citados em Lima (2009), afirmam não ser necessária a intrínseca relação entre língua e cultura. Para estes autores, esta relação não é fator primordial para a comunicação, podendo o idioma ser ensinado com fins técnicos ou instrumentais, nos quais o fator cultural não é relevante.

Entretanto, neste artigo, acredita-se na necessidade de um ensino intercultural, pois a linguagem é um elemento modelador da cultura e também se constitui a partir dela. Através da valorização dessa dimensão intercultural no ensino de línguas, é possível promover uma formação de aprendizes que sejam não apenas falantes da nova língua, mas também sujeitos capazes de compreender e aceitar as diferenças e a complexidade identitária do outro, evitando os estereótipos provenientes de uma percepção de identidade unilateral.

Uma das formas de se evitar os choques com a cultura do outro é estimular os discentes a compreenderem, primeiramente, as diferenças dentro de sua própria cultura. Levá-los a perceber que em seu país a cultura também não é homogênea, havendo um misto de crenças, comportamentos e ideologias. Feitas essas observações, os estudantes estarão mais abertos à percepção e aceitação das diferenças da cultura alheia.

Cabe salientar ainda que o objetivo principal de um ensino de línguas intercultural não é apenas transmitir aos estudantes informações sobre os países que falam o idioma estudado. Um ensino intercultural deve auxiliar o discente a compreender a cultura do outro e aceitá-lo como alguém que apresenta crenças, comportamentos e características distintas das suas, que devem ser respeitadas. Para isso, faz-se relevante que essa abordagem ocorra de forma crítica, dinâmica e significativa.

Considerando que o objetivo deste artigo é discutir a relevância de se trabalhar língua sempre associada à cultura e a necessidade de se promover a formação intercultural do docente de línguas, primeiramente, serão apresentadas algumas definições de linguagem, identidade e cultura, e estabelecidas as devidas relações entre estes elementos. Logo após, serão feitas algumas considerações sobre a importância da formação intercultural do professor para o ensino da LE, no intuito de buscar criar caminhos possíveis para que o ensino da língua seja concebido considerando a relação dialógica entre língua e cultura.

Linguagem, identidade e cultura no ensino-aprendizagem de LE

Ao tratar sobre o ensino e aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, três pilares constituem-se fundamentais: linguagem, identidade e cultura. Definir cada um destes é uma tarefa árdua e complexa, pois isto depende da perspectiva teórica adotada e da área de pesquisa na qual o pesquisador atua. Considera-se, aqui, como alguns estudiosos conceituam e estabelecem relações entre esses três pilares, destacando a importância destas relações para o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE).

Tanto os indivíduos quanto a linguagem são constituídos na relação interlocutiva e a determinação de sentidos nas práticas discursivas se realiza neste contexto de interação. A partir dessa visão bakhtiniana, a linguagem não é vista apenas como formalização linguística, mas como um elemento em constante evolução e essencialmente dialógico (VOLOSHINOV, 1999). A linguagem não se constitui, portanto, uma mera reprodução da realidade, mas uma representação da mesma, pois é produtora desta realidade. Assim como Bakhtin, Vygotsky (1989) também entende que a linguagem não é algo puramente cognitivo, pois acontece na construção social da significação e é constituidora do indivíduo.

Como a linguagem/língua está sempre evoluindo, a construção da identidade de um indivíduo é também um processo que ocorre na linguagem/língua e através da mesma. Isso permite perceber que, ao aprender uma LE, a identidade do aprendiz sofre um processo de transformação a partir do qual “o eu da LE não é, jamais,

completamente o da língua materna” (REVUZ, 1998, p. 225). Esta construção identitária depende do contato com o outro e com sua cultura e, neste contexto de interação, o significado é construído socialmente. As identidades da língua e do indivíduo têm, portanto, mútuas implicações (RAJAGOPALAN, 1998).

De acordo com Kleiman (1998, p. 281), a identidade

é vista como um conjunto de elementos dinâmicos e múltiplos da realidade subjetiva e da realidade social, que são construídos na interação. Considera-se que a construção da identidade é constitutiva da realidade social das práticas discursivas, juntamente com outras construções, como a construção de relações sociais entre os falantes e a construção de sistemas de conhecimento de crenças.

Como afirma a autora, as práticas discursivas são mediadoras da construção da identidade do indivíduo. Estas práticas discursivas não ocorrem em um vácuo, em um espaço desprovido de valores culturais e sociais, mas dentro de um contexto marcado por estes valores. Lima (2008) afirma que, por se tratar de uma representação do pensamento e não um simples instrumento de comunicação, o ensino de uma LE não deve estar associado à mera tradução de palavras e utilização de regras gramaticais descontextualizadas, pois, para que esta língua adquira um significado, é preciso que esteja situada sócio-histórica e culturalmente. Segundo este autor,

Para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que seus aprendizes desenvolvam a competência comunicativa intercultural, a fim de que possam lidar com essa comunidade global e descobrir maneiras de ver o mundo ao seu redor sobre uma perspectiva intercultural. Ensinar uma língua estrangeira é antes de qualquer coisa, ensinar também sua realidade. (LIMA, 2008, p. 89)

Ao falar sobre o desenvolvimento de uma competência comunicativa intercultural, remonta-se ao termo “cultura”. Mead (1973) propõe duas definições para este termo: “Cultura” (com “C” maiúsculo) constitui todo o complexo de comportamento tradicional que vem sendo desenvolvido ao longo dos tempos pela humanidade, permitindo que os conhecimentos de uma geração sejam repassados para

a outra; e “cultura” (com “c” minúsculo), menos precisa, é vista como formas de comportamento tradicional que são próprias de uma certa sociedade, uma certa área ou um certo período de tempo, permitindo que um determinado grupo seja identificado como tal. Um mesmo indivíduo pode ser, de acordo com esta perspectiva, um membro ativo de grupos diferentes, ou seja, de culturas diferentes.

Kramersch (1996) adota também dois pontos de vista diferentes para definir o termo cultura. A primeira definição vem das ciências humanas: focaliza o modo como um grupo social representa si mesmo e os outros a partir de suas produções materiais, seja eles obras de arte, literatura, instituições sociais ou artefatos da vida cotidiana e os mecanismos para a reprodução e preservação destes no decorrer da história. A segunda definição vem das ciências sociais: se refere às atitudes e convicções, modos de pensar, comportamentos e lembranças compartilhadas por membros de uma dada comunidade. Semelhante a esta última definição de Kramersch (1996), Brown (1994) compreende a cultura como um conjunto de comportamentos e modos de percepção, considerando-a, portanto, como um elemento altamente importante na aprendizagem de uma LE.

Ao tratar sobre cultura, Weaver (1998) propõe uma analogia: compara o conhecimento cultural a um iceberg (Figura 1)¹. De acordo com o autor, este *iceberg cultural* mostra que a maior parte de nosso conhecimento culturalmente modelado é invisível e aplicado em nossas interações de uma maneira mais subconsciente.

Na parte visível do *iceberg* – a parte menor, onde é possível ver, ouvir, tocar - estão presentes o aprendizado explícito, a consciência e o conhecimento objetivo. Nesta área, existe uma maior facilidade para a ocorrência de mudanças. Na parte invisível do mesmo iceberg – consideravelmente maior do que a externa – concentram-se o aprendizado implícito, a inconsciência e o conhecimento subjetivo. Nesta parte submersa, estão as crenças, os valores, os padrões do pensamento e os mitos e, por isso, as mudanças ocorrem mais dificilmente. Nesse processo de modelagem do conhecimento cultural, a linguagem exerce um papel fundamental, visto que é

¹ Fonte: <http://home.snu.edu/~hculbert/iceberg.htm>

produtora da realidade e interfere tanto na parte visível do *iceberg* quanto na parte invisível.

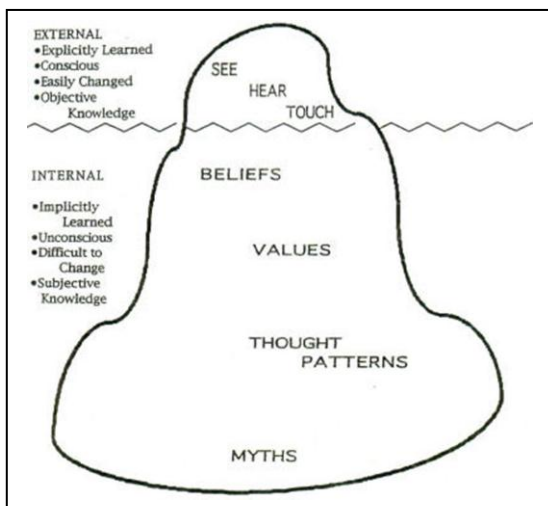


Figura 1 – O *iceberg* cultural de Weaver

Pensando sobre esta relação língua e cultura, Witherspoon (1980 *apud* AGRA; BURGEILE, 2010) conclui que se a cultura for analisada do ponto de vista linguístico, obtém-se uma perspectiva unilateral da cultura; se a língua for analisada do ponto de vista cultural, obtém-se uma visão unilateral da língua. Isso leva a perceber que o ensino de uma LE deve ser concebido considerando esta relação dialógica entre língua e cultura. Além disso, a linguagem possui um papel crucial não só na construção da cultura, mas também da identidade e vice-versa, visto que a linguagem não é só forma, mas também modelagem.

Importância da formação intercultural do professor para o ensino da LE

Com as novas exigências desta sociedade globalizada e pós-moderna, o cenário educacional depara-se com a necessidade de transformações que venham proporcionar aos sujeitos a possibilidade de engajamento efetivo nessa nova realidade. Considerando a escola como uma das instituições responsáveis pela formação crítica e reflexiva dos

cidadãos, para que esse objetivo seja alcançado, é necessário que os docentes assumam novos papéis e desenvolvam novos atributos e habilidades.

Ao tratar aqui especificamente do docente de língua inglesa (LI) no contexto pós-moderno, além do conhecimento linguístico, estrutural, pedagógico e metodológico, este deve estar consciente de que a aprendizagem e o ensino de uma língua estrangeira (LE) envolvem, também, aspectos culturais e fatores relativos às políticas linguísticas, extrapolando o ambiente da sala de aula. De acordo com os estudos de Celani (2001), o profissional de ensino de LEs no Brasil, deve ser percebido como, um ser humano independente, dotado de conhecimentos sobre a língua que ensina e suas múltiplas habilidades e comprometido com um ensino que valorize o processo reflexivo e não a simples transmissão de informações e conhecimentos.

A formação desse novo professor, com visão de ensino de língua focada não somente em aspectos linguísticos, mas também capaz de estimular a reflexão e questionar a realidade na qual o estudante se insere, é de extrema necessidade para auxiliar os discentes a desenvolverem atitudes e posturas críticas frente à cultura do outro.

Lima (2009) salienta em seus estudos que vários recursos vêm sendo utilizados para tentar compreender como se dá o processo de aprendizagem da LE e uma das formas de auxiliar docentes e discentes neste processo, reduzindo as dificuldades no contato com a nova língua, é conhecer os referenciais e estereótipos que ambos apresentam, visto que estes podem ser divergentes, tornando o processo mais complexo quando não inviável. Saber o que os alunos pensam sobre a língua que estão estudando, quais são as imagens que lhes vêm à mente ao se tratar do idioma em questão, pode oferecer informações relevantes para o docente compreender quais são os referenciais culturais que o estudante tem da língua que está aprendendo.

Segundo os estudos de Almeida Filho (2002), esses conceitos e imagens pré-estabelecidos frente à cultura alheia ocorrem devido ao fato de o ensino e a aprendizagem de uma LE ser caracterizado como um processo complexo no qual os sujeitos, através da linguagem, atribuem novos significados às suas experiências, desestabilizando alguns dos conceitos construídos na língua materna a partir da

interação com grupos sociais com os quais se identificam, sendo as crenças e adoção de estereótipos um reflexo dos valores sociais destes grupos.

Devido à influência do docente e das suas crenças na aprendizagem e na construção do conhecimento dos estudantes, faz-se necessário que o profissional que leciona a língua tenha formação apropriada para execução desta tarefa caracterizada por Almeida Filho (2002) como complexa e constantemente reflexiva.

Agra e Burgeile (2010) defendem que o professor, ao ensinar uma LE, busque integrar a face da língua e a face da cultura, compreendendo que a cultura é, em um sentido mais amplo, o lugar do conhecimento intersubjetivo que permite atualizar uma relação de equivalência interlingual. Essas questões interculturais são enfatizadas também nos PCNs, nos quais se afirma que a aprendizagem de uma LE não envolve apenas a aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas, mas também aspectos culturais. Ao promover o contato com os costumes e valores de outras culturas, a aprendizagem de uma LE contribui para a construção identitária do aprendiz, permitindo o desenvolvimento da percepção que o aprendiz tem da própria cultura por meio do contraste com as culturas estrangeiras.

Considerando que toda palavra só tem sentido de for contextualizada, devido à dimensão sócio-histórica da língua, o novo perfil atribuído ao docente de LI requer uma visão de ensino que valorize o contexto sob um olhar intercultural. Essa nova exigência se estabeleceu com o reconhecimento, nas últimas décadas, de que língua e cultura tornaram-se elementos indissociáveis para que a comunicação ocorra, sendo esta determinada por condições específicas de uma sociedade e de uma cultura.

Sobre a formação deste novo profissional, Serrani (2005, p.17-18) afirma que

A formação de um docente de línguas como interculturalista requer a capacitação para que ele não conceba seu objeto de ensino – a língua – como um mero instrumento a ser ‘dominado’ pelo aluno, segundo progressões de complexidade apenas morfossintática ou de apresentação de situações ‘comunicativas’. O perfil de interculturalista, sensível aos processos discursivos, requer que o profissional considere especialmente, em sua prática, os processos de produção-compreensão do discurso, relacionados diretamente à identidade sócio-cultural.

Com a valorização dessa dimensão intercultural no ensino de línguas, objetiva-se a formação de aprendizes que sejam não apenas falantes da nova língua, mas que sejam, também, sujeitos capazes de compreender e aceitar as diferenças e a complexidade identitária do outro, evitando os estereótipos provenientes de uma percepção de identidade unilateral. Ribas (2009) destaca ainda em seus estudos que o ensino de cultura é muito relevante nas aulas de LE por duas razões: primeiro, porque possibilita que os alunos desenvolvam, de maneira efetiva, a competência comunicativa em LE, através do contato com padrões sociolinguístico-culturais da língua alvo; segundo, pelo fato de promover a conscientização dos aprendizes a respeito da diversidade cultural no mundo, permitindo que desenvolvam maior tolerância e atitudes positivas em relação a outras culturas, o que pode proporcionar um aumento da motivação para aprender a LE.

Entretanto, apesar da relevância em se trabalhar cultura, este aspecto, muitas vezes, é negligenciado pelo fato de o professor não se sentir preparado para trabalhá-lo. Para Lima (2008), a compreensão da cultura do outro não é uma tarefa simples, visto que este processo envolve, além de emoções e sentimentos, a resignificação de crenças, valores, comportamentos e atitudes, frente a uma cultura que se distingue da sua, o que pode deixar docentes e discentes assustados, inseguros ou até resistentes à aceitação da cultura alheia.

De acordo com os estudos Hadley (2000), há três motivos que levam os docentes a negligenciar o trabalho com o componente cultural em suas aulas de LI. O primeiro motivo é a ausência de tempo para abordar outros aspectos linguísticos, devido à sobrecarga de conteúdo gramatical presente nos currículos; o segundo motivo é o receio dos docentes em ensinar cultura, por achar que não sabem muito sobre este assunto; e, no terceiro motivo, a autora destaca que os docentes evitam trabalhar com aspectos culturais por tentarem também evitar se envolver com as atitudes, posturas e opiniões dos estudantes. Percebe-se, assim, que trabalhar com esse aspecto não é uma tarefa fácil, pois grande parte da responsabilidade é atribuída ao docente, sem, no entanto, ser-lhe oferecido subsídios teóricos e práticos para execução do seu trabalho.

Devido ao despreparo do professor para trabalhar com aspectos culturais de forma crítica e reflexiva, este normalmente tem trabalhado com base no que Santomé (1996 *apud* MOTA, 2004) chama de *currículo turístico*, que se fundamenta em cinco aspectos distintos: a) a *trivialização*, na qual os aspectos culturais dos grupos minoritários são tratados de forma superficial associado apenas a costumes alimentares vestuário e alguns rituais festivos; b) o *souvenir* que faz uso de elementos da cultura do outro, como objetos e músicas, apenas de forma ornamental sem realizar um trabalho que favoreça um posicionamento crítico; c) as *celebrações étnicas*, nas quais as atividades culturais, apesar de não integrarem o cotidiano da escola, são solicitadas em ocasiões e datas comemorativas de forma descontextualizada; d) a *estereotipagem* que acaba disseminando práticas discursivas e sociais que estimulam a propagação de estereótipos culturais; e, por último, e) a *tergiversação* que incentiva a aceitação de situações de opressão e preconceito como fatos naturais por se repetirem constantemente e se integrarem as relações diárias dos sujeitos.

Com base nas informações pontuadas acima, nota-se que as práticas de ensino de cultura não têm provocado os efeitos e reações esperados em um ensino intercultural. Por falta de preparo e suporte pedagógico, os docentes acabam privilegiando em suas aulas aspectos referentes às culturas Inglesa e Norte-americana, sendo estas adotadas como ícones quando se trata do estudo de cultura nas aulas de LI. Entretanto, sabe-se que ao se tornar uma língua franca utilizada por vários países como língua nativa ou estrangeira, a língua inglesa passou a abarcar aspectos de culturas distintas não se fazendo conveniente adotar a Inglaterra e os Estados Unidos como símbolos culturais singulares no ensino deste idioma.

Frente a essa miscigenação cultural, Lima (2009) questiona que cultura deve-se, então, ensinar nas aulas de LI. Em resposta, Alptekin & Alptekin (1984 *apud* LIMA, 2009) sugerem que, ao invés de se enfatizar determinados aspectos de países que possuem a língua inglesa como idioma oficial, adote-se uma abordagem interpretativista com ênfase nos fatores interculturais, partindo-se do contraste entre a cultura da língua materna e a nova língua. Ressalta-se, porém, a necessidade de fundamentar essas

comparações de maneira reflexiva de forma a produzir comparações positivas que não subjuguem a cultura materna em detrimento da cultura da nova língua.

O docente possui papel preponderante na condução dessas discussões, devendo buscar alternativas para se inteirar desses aspectos interculturais. Em seus estudos Byram (2002) sugere que uma das melhores formas de promover essa reflexão, incentivando o respeito e aceitação frente às diferenças na cultura do outro, é a utilização de textos autênticos, com áudios que demonstrem as particularidades nos sotaques de diferentes regiões. O autor sugere também a ênfase na utilização de mapas e materiais visuais e ilustrativos que estimulem nos estudantes a percepção das idiossincrasias nos hábitos e costumes de culturas distintas que remetam ao contato com a língua inglesa.

Cabe salientar que o papel do docente não é apontar as diferenças e semelhanças entre a cultura da língua alvo e a língua materna e, sim, estimular essa percepção evitando preconceitos, estereótipos e a desvalorização da cultura do aprendiz. Embora se saiba que não se trata de uma tarefa simples, o esforço na adoção dessas novas posturas pode sinalizar para transformações no ensino de línguas, favorecendo a inserção e transformação social dos sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem da LE, levando-os a perceber o caráter multicultural da realidade na qual se insere.

Considerações finais

A partir das concepções de linguagem, identidade e cultura e da relação expressa por estes três pilares no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), percebe-se que a linguagem possui um papel crucial tanto na construção da cultura quanto da identidade e vice-versa, visto que ela não é só forma, mas também modelagem, não apenas reprodução, mas é produtora da realidade.

Faz-se necessário considerar a abordagem de aspectos culturais como uma forma de envolver os estudantes em um compartilhar de conhecimentos e opiniões distintas sobre o mundo, com base em suas crenças. Para que este trabalho ocorra de

forma significativa, é preciso que a dimensão cultural evite os estereótipos e também que o docente auxilie os estudantes na superação dos choques culturais.

Desenvolver uma dimensão cultural no ensino de línguas implica, de acordo com os estudos de Byram (2002), no envolvimento dos estudantes na cultura do outro de maneira tal que estes venham respeitá-la, bem como compartilhar os seus conhecimentos e opiniões de maneira crítica e construtiva. O autor ainda destaca que a abordagem de aspectos culturais deve preparar os estudantes para interagir com pessoas de outra cultura de forma que estes sejam capazes de entender e aceitar as particularidades da cultura alheia. Compreender as relações sociais e culturais nos contextos nos quais determinadas expressões são utilizadas é também necessário para que não haja ruídos na comunicação, principalmente, quando a cultura da língua alvo se distancia ou se opõe aos valores estabelecimentos na língua materna.

Faz-se conveniente, como aponta Byram (2002), que sejam estabelecidas normas para embasar as discussões e debates em sala e que estas sejam fundamentadas nos direitos humanos, evitando, assim, ironias, julgamentos e sarcasmos. Dessa maneira, o componente cultural poderá ser trabalhado de maneira crítica, porém, sem julgar a cultura do outro, mesmo que essa se distancie das crenças dos estudantes, atentando-se para que não haja uma desvalorização da cultura materna atribuindo a LE um status de superioridade. Recursos como filmes, textos autênticos e materiais imagéticos, que favoreçam a percepção visual das diferenças e semelhanças, podem auxiliar significativamente no trabalho do docente.

O professor, embora não deva assumir uma postura de neutralidade, deve ter o cuidado em perceber de que forma os seus próprios estereótipos e crenças irão influenciar ou direcionar os posicionamentos dos alunos. O mais conveniente, de acordo com Byram (*op.cit.*), é que ele apresente o seu parecer frente às diferenças sem, no entanto, tentar impor ou considerar o seu posicionamento como única verdade e sim apenas expor a sua opinião, esclarecendo que esta poderá se modificar com o tempo, com as experiências e vivências, experimentadas no contato com grupos sociais distintos.

TEACHER FACING THE DILEMMAS OF APPROACHING CULTURAL ASPECTS IN THE ENGLISH LANGUAGE CLASSROOM: INTERCULTURALITY IN DISCUSSION

ABSTRACT:

This article has for objective to discuss the approach of cultural aspects in the English language classes, always pointing the relevance of working language associated to the culture. We present some definitions of language, identity and culture, and some expressed relationships of these elements in the existent dialogue in the language teaching and learning. By discussing on the foreign language teacher's intercultural formation, some of the problems found by the teachers while they work with cultural aspects are also pointed out, presenting suggestions and considerations to favor a critical intercultural teaching.

KEY WORDS: Culture. English language learning. Identity. Language.

Referências

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira; BURGEILE, Odete. A necessária integração da língua e da cultura no ensino da língua estrangeira. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 13/2, p. 15-29, dez. 2010.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. New Jersey: Prentice Hall Regent, 1994.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching: A practical introduction for teachers**. 2002. Disponível em <http://www.lrc.cornell.edu/director/intercultural.pdf>. Acesso em: 20/05/2011.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Ensino de Línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? In: LEFFA, J. Vilson (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**: Pelotas; Educart, 2001.

HADLEY, Alice Omaggio. **Teaching language in context**. Boston: Heinle & Heinle, 2000.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. [Trad. Silvana Serrani-Infante]. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 213-230.

KLEIMAN, Angela B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 267-302.

KRAMSCH, Claire. The cultural component of language teaching. **Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht**, v. 1, n. 2, 13 pp., 1996. Disponível em: http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm. Acesso em: 20/05/2011.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.) **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

_____. **Voices da (Re)Conquista: o papel da cultura no ensino de língua inglesa. Polifonia**, Cuiabá: Editora Universitária, ano 10, n. 15, p. 87-107, 2008.

MEAD, M. **Cooperation and competition among primitive peoples**. N. York: McGraw Hill, 1973.

MOTA, Kátia Maria Santos. Incluindo as diferenças, resgatando o coletivo- novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras. In: MOTA, Kátia Maria Santos; DENISE, Scheyerl (Orgs.). **Recortes interculturais na sala de aula de língua estrangeira**. Salvador: EDUFBA: Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? [Trad. Almiro Pisetta]. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 21-45.

RIBAS, Fernanda Costa. Conscientização cultural: repercussões na motivação de alunos da escola pública. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 329-347, 2009.

SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura na aula de língua**. Currículo, leitura, escrita. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SIQUEIRA, Sávio. A dor e a delícia de se aprender Língua estrangeira. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.) **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEAVER, Gary R. (Ed.). **Culture, communication and conflict: Readings in intercultural relations**. Simon & Schuster Publishing, 1998.

*Recebido em 31/04/2011
Aprovado em 03/09/2011.*